

XIV — RECAPITULANDO

Para fecho desta série de crónicas sobre o espirito de renovação espiritual e religiosa que sopra sobre a França, parece-me conveniente lembrar duas coisas: primeira, a personalidade marcante dos sacerdotes cujo pensamento e acção tenhei tornar conhecidos em Portugal; segunda, a transcendência da obra que se está realizando além Pireneus.

Recordarei o nome dos entrevistados: Padre Rodhain, Padre Bousquet, Padre Hollande, Padre

Gray e Sua Eminência o Cardeal Suhard, Arcebispo de Paris.

O Padre Rodhain é o Assistente Nacional do «Secours Catholique». O Santo Padre confiou-lhe o Pavilhão Pontificio em testemunho da protecção papal à sua actividade prodigiosa em favor dos prisioneiros, sinistrados, deportados da guerra. Salvo erro, o mesmo Santo Padre confiou nele para se organizar, em todo o mundo católico, a generosidade particular dos fiéis.

O Padre Bousquet foi o primeiro Padre francês que partiu, com a bênção do Cardeal Suhard, dada na sacristia da Basílica de Montmatre, como operário para a Alemanha. Por causa do seu valor, das suas virtudes e da sua heroicidade, foi escolhido pela Hierarquia para Superior de todos os Capelães dos Hospitais e Sanatórios de França.

O Padre Hollande é o Superior

da Missão de Paris, a quem o Cardeal Suhard, segundo se tornou público na entrevista com que Sua Eminência nos honrou, «cobre com toda a força da sua autoridade».

O Padre Gray é professor do Seminário de Lisieux, criado pela Assembleia dos Cardeais e Arcebispos de França e pela mesma Assembleia orientado. Segundo acordo mútuo, a conversa tida com ele e aqui reproduzida, foi, na sua maior parte, composta com palavras escritas do Padre Augros, supliciano. Superior do mesmo Seminário.

De Sua Eminência o Arcebispo de Paris seria impertinente fazer o elogio.

Falamos com outras personalidades igualmente notáveis, como o Cônego Guérin, Assistente Nacional da J. O. C., que nos abriu o caminho que viemos depois a seguir no nosso estudo.

(Continua na 2.ª página)

Cristo. Pudesses estas crónicas ter ajudado a compreendê-lo.

Abel Varzim

Impressões de França

(Continuação da 1.ª página)

Procurei ser fiel no que escrevi e tenho a consciência tranquila de que apresentei aos leitores impressões sérias de um movimento sério, perfeitamente orientado e apoiado pela Hierarquia. Nem com outra coisa valeria a pena empregar tempo e gastar papel.

Os métodos modernos, os sistemas empregados, vieram à baila como ilustração. Para além das aparências de uma tática nova, é toda uma doutrina que se revive, uma teologia que se ressuscita.

Cristo é Sacerdote porque, incorporando a natureza humana, pode oferecer-lhe ao Pai em adoração infinita. O Padre operário não o é por desporto, nem por bizarría, nem apenas por tática de «conquista» mas para se incorporar na força da materia, no cântico do trabalho, na poesia infinita da energia e, arrancando a blasfémia materialista do mundo do trabalho, oferecê-lo, pelas suas mãos sacerdotais, ao Pai e Criador de todas as coisas.

Revive-se a teologia de S. Paulo, a mística de S. Pedro, o Evangelho de Cristo: «Raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo que Deus para si adquiriu» (I Petr. II, 9). Para além das aparências, é o mun-

do do trabalho que, pelas mãos dos sacerdotes-operários e das comunidades cristãs formadas no seu seio, reata o seu colóquio com Deus.

Por isso notámos santidade irradiante, confiança segura, esperança ilimitada na alma e no coração dos que a si mesmos se chamaram «missionários do interior».

Não receamos tampouco trazer para as colunas das «Novidades» o exemplo «estrangeiro». Para nós, Padres ou cristãos, sob o ponto de vista espiritual, não há estrangeiro. A cultura, sobretudo a religiosa, é universal. O Evangelho é universal. A Igreja também. Porventura já se teria lembrado alguém de pôr de remissa as Epístolas de S. Paulo, por conterem doutrina destinada a cristandades com naturezas e temperamentos diferentes dos nossos, com tradições diferentes das nossas portuguesissimas tradições? Os romanos do primeiro século, os efésios, os tessalonicenses, não são os portugueses do século XX, nem Roma, Eféso ou a Galácia, são Portugal...

Para um cristão autêntico, Portugal, a França, a América como a África, não são propriedades de senhores diferentes mas a única seara do Pai de Família. Os obreiros não traba-

ham, por isso, para patrões diferentes, mas para um único e incomparável amigo, Jesus Cristo.

Na conversa demorada que tive com o adre Hollande, falámos das nossas coisas portuguesas. Recebi, há pouco, uma carta dele, da qual extraio o seguinte período: «Quero assegurar-lhe de novo que conservo uma excelente recordação da nossa conversa: como é bom para nós Padres, poder colocar-nos, por vezes, no plano da Igreja Universal, católica, quando a nossa missão, por assim dizer, nos encadeia, de certa maneira a um sector bem determinado do campo do Pai Comum!»

O entusiasmo que porventura tenha revelado nas minhas crónicas é filho desta alegria de me ter podido colocar um pouco sob o plano da Igreja Universal, lançando um olhar mais alongado sobre a seara do Pai de Família.

Esta alegria só a pode compreender quem a sentir. Parecemos, no entanto, que só ela será capaz de vencer a pesada tristeza que caiu sobre as nações e as sepulta nos lutos e nas dores da guerra e das discórdias intestinas.

Foi esta mesma alegria que levou os Padres-operários franceses que trabalharam na Alemanha a escrever páginas sublimes sobre o heroísmo dos sacerdotes alemães que os ajudaram, através de todos os perigos, a levar a bom termo a sua obra clandestina da assistência religiosa aos seus compatriotas. Foi esta mesma alegria que fazia brotar lágrimas de comoção aos

co Pal. Será esta mesma alegria que recordará aos homens que somos todos irmãos e que entre cristãos já não há gregos nem troianos, nem pobres nem ricos, nem escravos nem senhores, mas que somos todos um no

adornava, símbolo da catolicidade, celebraram-se missas em que franceses e alemães, esquecidos das batalhas que dividiam e ensanguentavam as suas nações, juntavam os seus cânticos de acção de graças e pediam confiadamente, que dali por

sacerdotes alemães perante as assembleias quentes de fé, realizadas pelos soldados e operários franceses nas suas igrejas transformadas em catacumbas. Por vezes as bombas esventravam as Catedrais ou destelha-

FORUM ABEL VARZIM
DESENVOLVIMENTO

052